

([https://oasc17115.247realmedia.com/RealMedia/ads/click\\_lx.ads/rmanj/interstitial/\\_on\\_wwwatribuna.com.br/noticias/noticias-detalhe/porto&mar/defesa-civil-quer-implantar-o-sistema-apell-na-regiao/1010868936/x31/default/empty.gif](https://oasc17115.247realmedia.com/RealMedia/ads/click_lx.ads/rmanj/interstitial/_on_wwwatribuna.com.br/noticias/noticias-detalhe/porto&mar/defesa-civil-quer-implantar-o-sistema-apell-na-regiao/1010868936/x31/default/empty.gif)4933716f6546652f4149344141517848?x)

# Defesa Civil quer implantar o sistema Apell na região

Objetivo é mapear os riscos de acidentes com produtos perigosos na região

FERNANDA BALBINO

24/08/2016 - 12:51 - Atualizado em 24/08/2016 - 13:00

A Defesa Civil do Estado pretende, em dois anos, implantar o sistema de Alerta e Preparação de Comunidades para Emergências Locais (Apell, em inglês) na Baixada Santista. Para isso, reuniu, na terça-feira (23), autoridades e entidades envolvidas na atividade portuária. O objetivo é iniciar uma integração, visando o mapeamento dos riscos de acidentes com produtos químicos ou inflamáveis na região.

O programa é recomendado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para conglomerados urbanos e industriais. Segundo o coronel José Roberto de Oliveira, coordenador estadual da Defesa Civil, o tempo de implantação do Apell é de, ao menos, dois anos.

Mas, para José Roberto, antes disso, é preciso que seja nomeado um coordenador para o plano. Também é necessária a definição de uma fonte de recursos, que passa a ser o maior entrave para a implantação do sistema.

“Eu preciso entender risco, fazer o mapeamento e ver o que preciso para fazer frente. Depois, a gente vai ter que avançar para adquirir esse material. Não posso, toda vez que tem um incêndio, pedir equipamento para o Exército e para a Marinha”, explicou.

Além do levantamento dos riscos, o coordenador da Defesa Civil aponta a necessidade de conscientizar a população que vive em regiões próximas à zona portuária. “Será que, no incêndio da Localfrio, eu não deveria ter máscaras para a população utilizar dependendo dos produtos químicos? No Japão, as pessoas tem kits de sobrevivência porque é um país que já está muito avançado em defesa civil”, disse.



Autoridades e especialistas debateram planos de segurança para o Porto, no Palácio dos Bandeirantes  
(Foto: Carlos Nogueira)

A mesma opinião tem a promotora de Justiça Flávia Maria Gonçalves, do Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente (Gaema). Ela defende medidas de prevenção com manutenção de equipamentos, treinamento de brigadistas e um levantamento de materiais de combate.

“Precisamos saber de cada empresa, do terminal e do Polo (industrial de Cubatão), as que realmente geram riscos na produção e no armazenamento desses materiais. A partir desse mapeamento você tem uma análise de qual é a área de população que está em risco”, destacou a promotora.